



A desterritorialização da comunicação comunitária pela Internet e suas novas interfaces no radialismo comunitário do Piauí¹

Orlando Maurício de Carvalho Berti²

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus de Teresina – PI e Picos – PI)

URSA – Universidade Raimundo Sá (Picos – PI)

Resumo

Este estudo é uma reflexão sobre como ocorre a desterritorialização da comunicação comunitária radiofônica do Piauí através da Internet, refletindo-se sobre como as rádios que se assumem comunitárias e estão compartilhando suas programações, idéias e ideais na Grande Rede vêm realizando novas interfaces comunicacionais. Procuramos identificar como vem ocorrendo o processo de desterritorialização midiática através das rádios comunitárias na Internet, bem como listar as rádios comunitárias piauienses que naturalmente deveriam trilhar um caminho local e suas interfaces com o novo não-local e os novos não-lugares; ainda mostramos as atuais peculiaridades dessas desterritorializações, mostrando que a mesma é benéfica a partir do momento que não seja esquecido o local, visto que amplia as idéias e ideais do comunitário.

Palavras-chave

Comunicação Comunitária; Desterritorialização da Comunicação; Internet; Rádio Comunitária; Piauí.

Introdução

De princípio soa um grande paradoxo o fato de um meio de comunicação comunitário, feito pela e para a comunidade, em um ambiente local, reverberando a própria comunidade, sair desse ambiente coletivo ligado à territorialidade e trilhar caminhos diferentes, ou seja, a comunidade ter representação não em seu próprio território, onde ocorrem as trocas sociais, educacionais, econômicas, religiosas e cidadãs, mas sim no espaço da virtualidade, promovido principalmente pela rede de comunicação que vem revolucionando o Mundo nas duas últimas décadas: a Internet.

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação para a Cidadania, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, setembro de 2008.

² Jornalista. Mestrando em Comunicação Social na UMESp – Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo – SP) na área de Comunicação Comunitária sob orientação da profa. Dra. Círcia Peruzzo. Professor e pesquisador na área de Comunicação Comunitária, Comunicação Alternativa e fenômenos da Comunicação do Sertão Nordeste na UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus das cidades de Teresina – PI e de Picos – PI) e na URSA – Universidade Raimundo Sá (Picos – PI). E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br.



A comunicação local hoje promovida pela Grande Rede trilha novos caminhos desligadas do território, das cercanias dessas comunidades e grupos, mas permanece como uma comunicação de contraposição local em relação a uma comunicação massiva e generalizante, que respeita as peculiaridades e diferenciações do que está no local, coincidindo com os ideais de comunicação comunitária em sua essência.

A desterritorialização da comunicação via Internet, é a principal temática desse trabalho, que tem como principal ponto de indagação o que significa o processo de desterritorialização da comunicação nas rádios comunitárias do Piauí pela Internet, ou seja, como a comunicação das comunidades de um dos estados mais pobres do País vêm sendo desterritorializado pelas rádios comunitárias.

O estudo justifica-se pela fenomenologia abordada aqui ser raramente estudada em um contexto nacional e por se enveredar em um paradoxo de uma região ainda pobre, mas que trilha a cada dia os caminhos da modernidade, utilizando-se desses recursos tecnológicos modernos para reverberar os ideais comunitários. Também estuda-se as rádios por serem as mídias mais presentes no Piauí, procurando-se entender como recentes emissoras que se assumem comunitárias vêm encampando esse processo de desterritorialização via Internet. Chamamos de nascente principalmente porque no País, segundo amplo levantamento que apresentamos nesse estudo não há mais do que 300 emissoras de rádio comunitárias na Web. No Piauí esse número não chega a dez.

Temos como principais objetivos identificar como vem ocorrendo o processo de desterritorialização das comunidades através das rádios comunitárias do Sertão piauiense, via Internet; procuramos listar as rádios comunitárias piauienses na Grande Rede, identificando suas faces e interfaces e ainda se são online ou offline, bem como mostrar as atuais peculiaridades das rádios comunitárias na Web do Sertão do Nordeste.

Como suporte teórico enveredamos sobre leituras do que é comunicação comunitária, rádios comunitárias, comunicação local, as perspectivas de não-lugar e ainda das novas fenomenologias trazidas pela Internet, lincando essas novidades tecnológicas à reflexão dessa desterritorialização da comunicação comunitária, refletindo em especial as emissoras de rádio que se assumem comunitárias no Piauí.

Para chegamos aos nossos dados e reflexões enveredamos pelo principal sitio de busca do Mundo, o Google, onde fizemos um levantamento de todas as emissoras do País que têm sítios na Internet e se assumem comunitárias. Optamos por fazer um levantamento nacional justamente para termos um primeiro contraponto da expansão das rádios comunitárias na Internet, não só no Piauí, mas também em todo o Brasil.



1. O local e o territorial, novos caminhos via o não lugar

O local, o territorial e uma nova perspectiva de localidade e de transformação dessa localidade, hoje não se tangem em discussões apenas ao território enquanto ambiente físico, mas sim transmuta caminhos para a discussão da comunidade e de possibilidades de novos caminhos para as relações sociais, principalmente com a crescente intersecção com as novas tecnologias, promovendo novas sociabilidades e, em um mundo não estático, havendo dinamicidade e transformações cada vez mais constantes e diferentes dessas relações.

Deixam-se secundariamente as discussões do “estar”, partindo para a perspectiva do “ser representado”, ou seja, é mais importante ter uma representação (seja ela física ou virtual) e essa representação importar cidadania e evolução e melhoras dos grupos sociais, a isso ser feito em uma localidade fechada ou apenas pela localidade em si.

Local aqui é entendido como espaço de representação onde ocorrem as trocas comunicacionais, sociais, econômicas e políticas da comunidade ou dos grupos presentes nas sociedades. Não mais com um local físico, mas como um local representativo e de pertencimento.

A principal contraposição dessa territorialidade é o não-local, o não-lugar. A perspectiva de não lugar abordada neste estudo é concebida principalmente através das idéias de Marc Auge (2007) que destaca o não lugar como espaço de representatividade desse local nessa nova conjuntura trazida principalmente pelas novas tecnologias, onde o que menos importa é o local territorial, dando espaço para uma nova visão de homem, transmutada à caminhos de novas sociabilidades.

A Internet é uma dessas possibilidades de local do não-lugar como destacam Cláudio Prado, Francisco Caminati e Thiago Novaes (2005), com maior circulação de informações de grupos e atores sociais, sendo válido esse novo caminho para a própria inclusão da comunidade física.

Elenaldo Teixeira (2001) traz que a participação cidadã pode ser prejudicada caso não haja limites e discussões sobre a transmutação do global para o local, mas, a partir da sedimentação desses caminhos o local, o global e o glocal transmutados em uma perspectiva cidadã só têm a ajudar a melhoria social. Já Marcelo Sabattini (2006) nos traz a perspectiva do receptor (antes isolado no local) sair da passividade para a atividade, ou seja, sendo estes dotados de habilidades de participação social, instigando o espírito democrático.



2. A Internet e suas novas possibilidades de Comunicação

Um dos centros de proliferação desses não-lugares pode ser justamente o ciberespaço, lócus de trocas comunicacionais não institucionalizados por relações territoriais. A histórica perseguição contra as rádios comunitárias no Brasil fez com que o movimento perseguido buscasse caminhos alternativos para ter suas mensagens socializadas na comunidade. Uma dessas buscas históricas é a transmissão radiofônica clandestina que mesmo com a perseguição dos órgãos tidos como reguladores foi útil para a garantia de muitas lutas no País.

As novas lutas hoje que ainda se apóiam em contrapor as perseguições antigas, ora em voga, hoje ganham novos espaços alternativos e o ciberespaço vem ajudando na proliferação desses caminhos de novas lutas comunicacionais. Os meios online como formas de congregação de mídias (sons radiofônicos propriamente ditos, textos informativos e reflexivos, históricos e ideológicos e até imagens estáticas – fotografias – ou dinâmicas – vídeos) só têm a ajudar as rádios na web, principalmente as rádios comunitárias que no Brasil, por conta de dispositivos legais, as impede de ter grande alcance territorial, muitas vezes sequer podendo cobrir territorialmente toda a comunidade. Com o espaço expandido para a web essa lacuna pode ser dirimida e ainda ser motivo para abertura de novos espaços.

O conceito de rádio na Internet está ainda por definir, mas uma rádio com texto e vídeo, foge ao modelo tradicional, atualizando um formato com cerca de oitenta anos de existência e fornecendo ao utilizador, que é também ouvinte, um amplo conjunto de potencialidades, que até aqui seriam impensáveis (CORDEIRO, 2006, p. 02).

A pesquisadora ibérica Paula Cordeiro ainda destaca que as rádios (onde colocamos também a possibilidade das rádios comunitárias) na web podem trazer novos caminhos no sentido de usabilidade, ampliando-se seu leque também como meios de comunicação de massa, onde para isso:

Promove-se uma nova discursividade, pela combinação de elementos de linguagens diferentes, menos singular, mas contudo, mais rica, por via da utilização multimídia na construção da sua mensagem. A extensão da rádio para a Internet, acarreta algumas transformações nas principais características deste meio que assim se aproxima da especificidade da comunicação na Internet, mantendo em relação à rádio tradicional, a difusão sonora. (...) Neste novo modelo, o sistema expressivo da rádio decompõe-se e multiplica-se,



adicionando mais elementos ao som, num caminho que poderá vir a desvirtuar a sua importância e transformará o website de uma rádio num espaço multimídia onde a emissão radiofônica é apenas mais uma das propostas que a rádio tem a oferecer (CORDEIRO, 2006, p. 06).

A professora Cicília Peruzzo (2006) encara como apoderamento social das tecnologias quando a rádio comunitária é transposta e desterritorializada para a Internet. Cicília Peruzzo, que atualmente é uma das maiores estudiosas do País na área de Comunicação Comunitária e coordena o Comuni³ questiona os motivos de que as rádios comunitárias, que têm vocação local, galgam ou tentam galgar espaços em um ambiente comunicacional de alcance mundial como é a Internet. Ou seja, termina sendo um paradoxo um meio de comunicação teoricamente local, fazendo sucesso na virtualidade.

Cicília Peruzzo (2006) ainda destaca que as rádios comunitárias na Internet podem estar em duas modalidades, as rádios online propriamente dita, com reverberação da programação da emissora física no sítio e as rádios offline, as que a programação são gravadas e destacadas no sítio da emissora, mantendo apenas informações institucionais da emissora, como histórico, apresentação, objetivos da emissora e informações da cidade cujo qual estão localizadas fisicamente.

Certamente o papel social das rádios comunitárias ainda se circunscreve de forma mais expressiva no âmbito das comunidades territoriais e através das tecnologias de comunicação tradicionais. São mais eficientes “no ar” do que “on-line”. Mas, sua presença na Internet expressa uma demanda pela democratização da comunicação, um avanço do processo de empoderamento social das tecnologias e, ao mesmo tempo, contribuem para a integração na sociedade: revelam a existência de um outro mundo, tão real quanto desconhecido de muitos cidadãos (PERUZZO, 2006, p. 124).

No estudo da professora Peruzzo as rádios online ainda eram minoria, mas com tendência crescente, ou seja, de em breve suplantarem as rádios offline na Internet. Fisicamente ou online a expansão dos meios de comunicação pelas novas tecnologias vêm ajudado na reverberação de novas vozes, principalmente em locais como o Sertão do Nordeste, historicamente relegado à planos inferiores, principalmente da distribuição de meios de comunicação de massa. É nesse não-lugar proporcionado pela Internet que mais podemos localizar os paradoxos das rádios comunitárias.

³ Comuni – Núcleo de Estudos em Comunicação Comunitária da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo – SP, que reúne virtualmente e fisicamente (mensalmente) pesquisadores do País na área de Comunicação Local e Comunitária. O Núcleo tem produção efetiva na área e anualmente promove encontro no segundo semestre.



3. As rádios comunitárias e suas nova presença na Internet

No Brasil se estima haver entre 15.000 e 20.000 emissoras radiofônicas que se assumem ou se dizem comunitárias proporcionando alcance comunicacional local em áreas do País pouco abrangentes em termos de representação das comunidades ou grupos locais.

Essas emissoras hoje quantitativamente são, em sua complexidade e homogeneidade, o maior número de meios de comunicação que existem no País, suplantando jornais, rádios convencionais e televisões, principalmente chegando a locais pobres rejeitados pela visão comercial das grandes emissoras de rádio e TV.

Já no Piauí atualmente estima-se⁴ que haja entre 400 e 500 emissoras radiofônicas FM em igual situação. Dessas apenas 61⁵ são legalizadas, ou apenas 1,9% do total das 3.216 emissoras de rádio comunitária legalizadas no Brasil.

Em uma unidade federativa com 224 municípios, o número de rádios comunitárias piauienses, legalizadas ou não, ainda é pequeno, principalmente porque as emissoras legalizadas concentram-se nas cidades maiores e mais desenvolvidas e as cidades com menor potencial econômico, mais pobres e mais esquecidas possuem poucas ou nenhuma forma coletiva de comunicação.

Dentre esse universo, por conta da situação ilegal da maioria dessas rádios a desterritorialização feita através da Internet ajuda ou tende a ajudar na tentativa de democratização dos meios de comunicação, principalmente em termos numérico e de polissemia de vozes.

No Piauí há ⁶ seis emissoras de rádio comunitária que têm sítios e se assumem comunitárias na Internet: 100 (Parnaíba); Atlântica (Parnaíba); Família (Piripiri); Regional (Picos); Verona (Teresina) e Vip (Parnaíba).

As rádios comunitárias do Piauí que estão na Web correspondem a 2,1% do total das 286 emissoras de rádio que se assumem comunitárias e estão na Internet no País. emissoras que estão na Internet no País⁷.

⁴ Estima-se e não há certeza justamente porque semanalmente se fecha e se abre dezenas de emissoras flutuando entre os números aqui apresentados. Com dados das entidades fiscalizadoras, impulsionadoras, combativas, defensoras, universidades de Comunicação do Piauí e dados cruzados pelos levantamentos do autor.

⁵ Dados de 2 de junho de 2008, a mais recente atualização de liberação de rádios comunitárias legalizadas do País, segundo o Ministério das Comunicações (2008). As legalizações de emissoras de rádio comunitária do Brasil não vêm acompanhando a explosão de surgimento dessas emissoras. Apesar de não haver dados concretos, como já foi citado na nota anterior, estima-se que a cada emissora legalizada surjam mais cinco não legalizadas.

⁶ Até 1º de junho de 2008, data da finalização da coleta de dados para este trabalho.

⁷ Dados com recorte temporal nacional também feitos até 1º de junho de 2008 no principal sítio de pesquisas do Mundo: Google (www.google.com.br) das emissoras que estão na Web e se assumem como rádios comunitárias.



TABELA 1 – Emissoras de Rádio que se assumem comunitárias no Brasil que estão na Internet

UNIDADE FEDERATIVA	NÚMERO DE RÁDIOS COMUNITÁRIAS NA WEB	PORCENTAGEM NACIONAL
Acre	01	0,35%
Alagoas	04	1,4%
Amapá	00	0%
Amazonas	02	0,7
Bahia	19	6,65%
Ceará	10	3,5%
Distrito Federal	05	1,74%
Espírito Santo	08	2,8%
Goiás	20	7%
Maranhão	03	1,04%
Mato Grosso	10	3,5%
Mato Grosso do Sul	13	4,55%
Minas Gerais	32	11,18%
Pará	03	1,04%
Paraíba	01	0,35%
Paraná	18	6,29%
Pernambuco	13	4,54%
Piauí	06	2,1%
Rio de Janeiro	21	7,35%
Rio Grande do Norte	04	1,4%
Rio Grande do Sul	26	9,1%
Rondônia	02	0,7%
Roraima	00	0%
Santa Catarina	16	5,59%
São Paulo	48	16,78%
Sergipe	01	0,35%
Tocantins	00	0%
TOTAL	286	100%

FONTE: Pesquisa do autor nos principais sítios de busca do País e cruzamento de dados em listas de emissoras que se assumem comunitárias no Brasil.

Notamos que assim como na distribuição dos outros meios de comunicação as emissoras de rádio comunitária que estão na Internet concentram-se nos estados mais ricos⁸. Há poucas exceções. Em termos de Nordeste o Piauí é um dos estados que mais têm emissoras na Internet por ser um dos estados que menos têm rádios comunitárias legalizadas no País, sendo um dos caminhos dessas rádios para continuarem difundindo suas idéias, visto que das que têm sua programação na Internet apenas uma é legalizada.

3.1. As rádios comunitárias do Piauí que estão na Internet

No Piauí encontramos as seguintes emissoras de rádio que se assumem comunitárias e que estão na Grande Rede:

⁸ Acompanhamos há dois anos a distribuição de emissoras de rádio comunitária legalizadas no País e constatamos que quanto mais pobre for a cidade menor a possibilidade de ter um meio de comunicação, principalmente uma rádio comunitária legalizada. Os primeiros resultados já estão tabulados e analisados e, em breve, devem ser publicados.

3.1.1. Rádio 100

Nome da emissora: 100

Cidade: Parnaíba (localizada a 343 quilômetros ao Norte de Teresina)

Frequência: 100,5 MHz

Endereço na Internet: www.radio100phb.com.br



O sitio da emissora traz a ligação apenas para a rádio na Internet e ainda tem um mural de recados, além de instigar a interação através do serviço de conversação instantânea MSN.

3.1.2. Rádio Atlântica

Nome da emissora: Atlântica

Cidade: Parnaíba (localizada a 343 quilômetros ao Norte de Teresina)

Frequência: 92,7 MHz

Endereço na Internet: www.apaephb.com.br/radio_atlantica.htm



O sitio da FM Atlântica também é simples e está hospedado no sitio da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Parnaíba, ONG de forte atuação na cidade, com apresentação do que é a rádio e link para programação ao vivo.

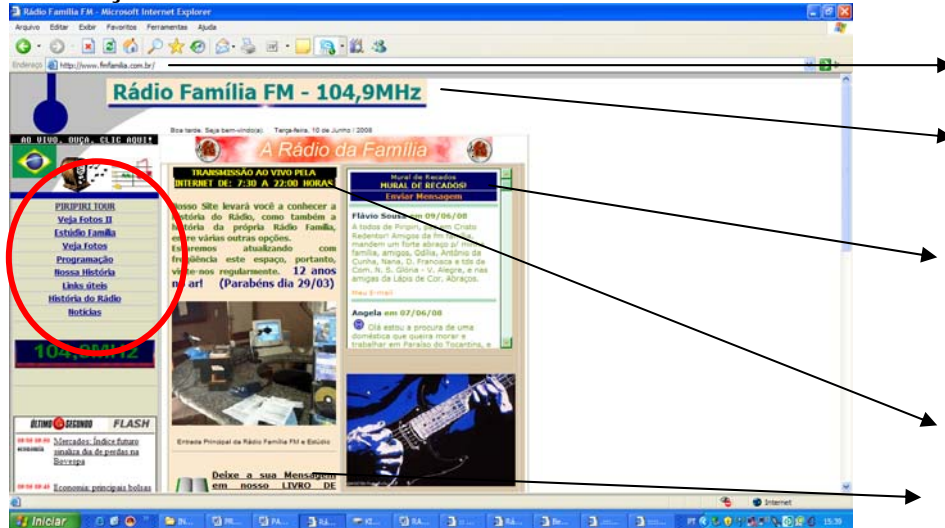
3.1.3. Rádio Família

Nome da emissora: Família

Cidade: Piriipiri (localizada a 185 quilômetros ao Norte de Teresina)

Frequência: 104,9 MHz

Endereço na Internet: www.fmfamilia.com.br



A FM Família é a única das emissoras de rádio comunitária que estão na Internet no Piauí a ser legalizada. Ela também é a que está há mais tempo na Grande Rede, tendo o sitio mais completo das emissoras do Piauí, com interatividade de mural de recados, links e livro de visitas.

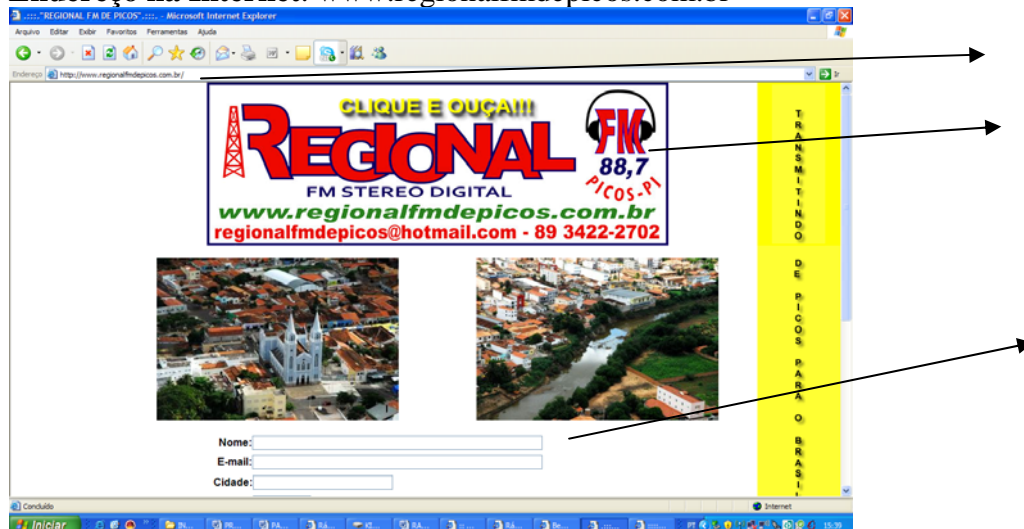
3.1.4. Rádio Regional

Nome da emissora: Regional

Cidade: Picos (localizada a 310 quilômetros ao Sul de Teresina)

Frequência: 88,7 MHz

Endereço na Internet: www.regionalfmdpicos.com.br



O sitio da FM Regional é estático e praticamente sem funções. O sitio traz duas fotos do Centro da cidade em que está sediada e uma espécie de mural de recados.

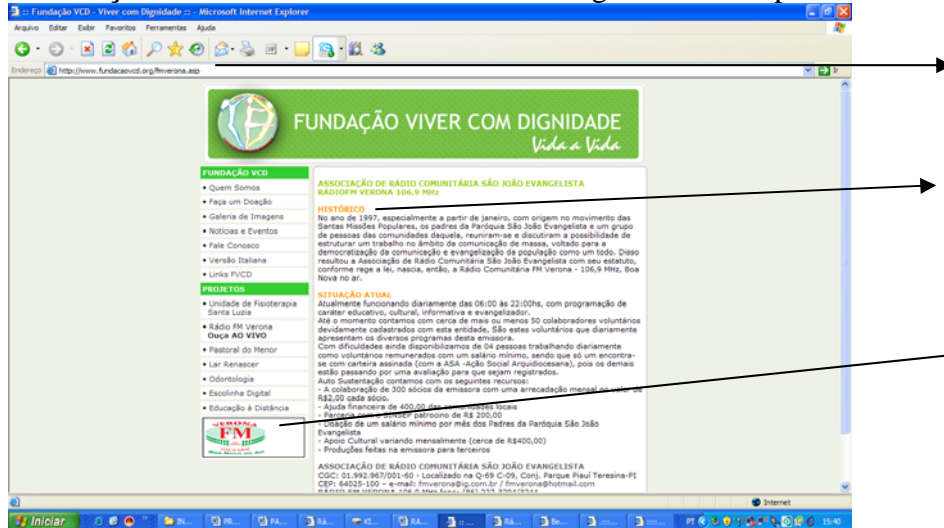
3.1.5. Rádio Verona

Nome da emissora: Verona

Cidade: Teresina (capital do Piauí)

Frequência: 106,9 MHz

Endereço na Internet: www.fundacaovcd.org/fmverona.asp



O sitio da FM Verona é apenas institucional, mostrando o que é a rádio e ainda trazendo um link para a rádio ao vivo. A emissora está localizada na capital do Estado, mas em uma região periférica. É bancada por instituição ligada à Igreja Católica.

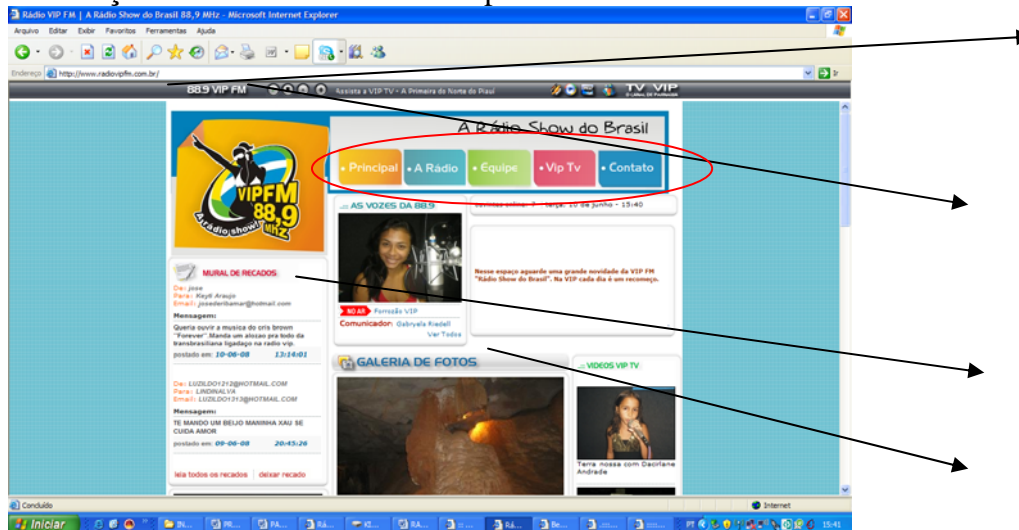
3.1.6. Rádio Vip

Nome da emissora: Vip

Cidade: Parnaíba (localizada a 343 quilômetros ao Norte de Teresina)

Frequência: 88,9 MHz

Endereço na Internet: www.radiovipfm.com.br



O sitio da Vip FM caracteriza-se como de mediana interatividade com acesso online à programação e ainda a outras informações sobre a emissora que se considera comunitária, além de trazer outras informações sobre a emissora e quem faz a rádio.



4. As primeiras conseqüências da desterritorialização da comunicação na Internet para as rádios comunitárias do Piauí

A desterritorialização da comunicação feita pelas emissoras de rádio comunitária ou que se dizem comunitárias no Piauí ainda é um fenômeno novo e pouco abrangente frente ao número de emissoras do tipo no Estado.

O exemplo mais antigo, da FM Família, tem pouco menos de cinco anos, sendo um dos mais antigos do País.

Os outros exemplos são bem novos e todos decorrem a partir do final de 2006 ou então há menos de seis meses, ainda com sítios em construção ou com poucos recursos tecnológicos.

Das mais de 400 rádios que se dizem comunitárias do Estado apenas seis (Rádio 100, da cidade de Parnaíba; Rádio Atlântica, da cidade de Parnaíba; Rádio Família, da cidade de Piri-piri; Rádio Regional, da cidade de Picos; Rádio Verona, da cidade de Teresina; Rádio Vip, da cidade de Parnaíba) estão na Grande Rede. Dessas, metade apenas transpassa um aspecto mais administrativo e de transposição da programação comum do meio territorial, do que como um novo canal de reverberação da comunicação comunitária.

Ou seja, tudo que é transmitido na emissora territorial é levado para a emissora na Internet, que hoje tem divulgação apenas nas próprias rádios e em poucas redes de rádios nacionais, como o sítio Rádios.com⁹.

O Piauí, como afirma Orlando Berti (2008)¹⁰, é um dos quatro estados do País com o menor número de emissoras de rádio comunitária.

Tornando essa unidade federativa, que tem 224 municípios, com pouca representatividade dessas emissoras, principalmente por conta do surgimento tardio da imprensa e da histórica opressão midiática e mais ainda devido a ação dos grupos dominantes (até hoje familiares, coronelísticos, dicotômicos e umbilicalmente ligado ao poder estatal) que desde o início da história do Piauí dominam, além de outras esferas, a comunicação, principalmente como forma de permanência de manutenção do poder, sendo os responsáveis pelos principais órgãos de imprensa, pelas concessões públicas de emissoras de rádio e televisão.

⁹ www.radios.com.br

¹⁰ O pesquisador e professor universitário Orlando Berti vem realizando desde 2006 levantamento sistemático sobre as rádios comunitárias do Piauí, em especial as rádios comunitárias do Sertão do Estado, tendo publicado nos últimos dois anos mais de dez artigos sobre essa região e esse fenômeno comunicacional comunitário.



Raros são os casos que diferem desse domínio, o que atrasou o surgimento de vozes dissonantes que, com o preenchimento de canais e burocracia na socialização dos meios, atrasou a ação e proliferação das rádios comunitárias no Piauí que, quase sozinhas, lutaram e vêm lutando pela democratização dos meios de comunicação no estado. Isso também justifica o pouco número de emissoras de rádio comunitária no Estado com mais de dez anos de existência, inclusive emissoras territoriais.

Com poucas emissoras de rádio em funcionamento e com regiões inteiras com poucos ou nenhum meio de possibilidade de representação comunitário ou local o surgimento e a transposição dessas emissoras para a Internet, novidade ainda crescente em termos de Brasil, as idéias hoje existentes e em funcionamento são exemplos emblemáticos em sua forma de desterritorialização, de marco e, principalmente de instrumento de história.

Mas exemplos como o da Rádio Família, que está há quatro anos na Internet já começa a mostrar resultados principalmente no sentido do aumento da participação dos moradores, principalmente de quem é da comunidade ou localidade representada fisicamente pela rádio, mas que, no momento não está ou não mora mais fisicamente na cidade. Para produtores da rádio hoje existe uma resposta maior de participação dos ouvintes no mural online da emissora (30 recados por dia) do que nos 20 telefonemas e 25 bilhetes recebidos medianamente por dia.

Vemos que das seis emissoras de rádio comunitária do Piauí que estão na Grande Rede há uma preocupação quase unânime de uma divulgação que a emissora existe reproduzindo uma programação física e sendo essa reprodução o principal atrativo do sitio da emissora.

Metade dos sítios das seis emissoras de rádio que se assumem como comunitárias no Piauí: Atlântica, Regional e Verona são puramente institucionais, ou seja, com uma forma de reverberar e divulgar que a rádio existe, ou seja, trazendo aspectos importantes, mas não participativos, não saindo de uma esfera de instigar participação do ouvinte físico.

As rádios 100, Família e Vip trazem espaço para murais do que consideração forma participativa onde o web-ouvinte pode mandar recados, reclamações, sendo um espaço privilegiado de discussões, principalmente se for realizado em localidades em que não há uma liberdade de pensamento premente ou semi-censurada pelos meios de comunicação locais.



Outra vantagem dos murais e espaços de discussões são que podem dar espaços a vozes que não estão no território, como moradores em outras cidades, estados e países para que mandem lembranças, para que digam como estão e para que isso possa ser passado para as suas famílias.

Em cidades com telefonia celular em voga isso parece atrasado, mas em cidades que ainda não há tantas tecnologias ou a popularização dessas tecnologias ainda estão atrasadas, esse tipo de mediação é de muita utilidade e de alcance social.

As rádios Verona e Atlântica em seus sítios têm mais uma preocupação de divulgar as instituições cujo qual estão vinculadas: a primeira à Fundação Viver com Dignidade e a segunda à APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais – da cidade de Parnaíba.

Mas essa divulgação não é um aspecto negativo como um todo, pois como são ONGs reconhecidas e com ideais sérios essa institucionalização e divulgação ajuda a manter o sítio, a rádio e os trabalhos das instituições.

São pontos negativos em termos da desterritorialização das emissoras de rádio que se dizem comunitárias do Piauí o pouco número desse tipo de emissora e sua concentração nas maiores cidades do Estado. As seis estão nas quatro maiores cidades do Piauí: Teresina, Parnaíba, Picos e Piri-piri, todas os maiores centros econômicos piauienses.

Outro fato ligado a isso é que metade dessas rádios comunitárias estarem em apenas uma única cidade: Parnaíba, no litoral do Estado e segunda maior e mais importante cidade piauiense, bem como o fato dos sítios das emissoras, ao contrário de mais da metade dos sítios das quase 300 emissoras que se dizem comunitárias do Brasil terem mais funções proporcionando maior interatividade e uma forma maior de desterritorialização.

Uma dessas justificativas são dos poucos recursos dessas emissoras e da manutenção das mesmas na Internet. Em um ambiente de poucos apoios culturais, onde nas transmissões físicas são pagos valores inferiores a R\$ 0,50 por chamada, no meio online os valores, quando pagos, são menores, gerando dificuldades para que haja a manutenção dos sítios das rádios no ar. A maioria é feito por puro voluntariado e vontade de ver suas idéias na rede, como é o caso da FM Família em que o sistema de transmissão online foi bancado pelo diretor Luís Júnior, funcionando em um computador de sua propriedade em uma sala de sua própria residência.



Considerações

Nossa principal consideração ao analisarmos a desterritorialização das rádios comunitárias ou que se dizem comunitárias no Piauí é que o territorial permanece importante para o ambiente comunicacional, principalmente quando a comunicação promovida nesse território é feita para o macro, ou seja, para as comunidades e grupos populacionais não massivos e, geralmente, desprezados dos grandes meios de comunicação, como rádios convencionais, jornais, revistas e emissoras de televisão (sejam elas nacionais, estaduais e regionais).

Destacamos também que a vivência comunitária ainda é salutar, deve continuar, principalmente na vivência da Comunicação Social, mas não podemos desprezar as novas sociabilidades desse novo local midiático trazido pela desterritorialização da comunicação e, conseqüentemente, da Internet como um instrumento de ajuda na reverberação comunicacional e ideológica e não um instrumento comunicacional considerado “inimigo”, de contraponto ou prejudicial a manutenção dos ideais comunitários.

Ou seja, a Grande Rede, quando usada com os mesmos ideais que permeiam os meios de comunicação historicamente pautados na territorialidade têm as mesmas funções e só ampliam os canais dos meios antes somente territoriais, dando espaços, trazendo discussões e construindo uma comunidade mais igualitária, participativa, cidadã.

Se já é complicado ter e manter um meio de comunicação territorial, manter dois (o territorial e o virtual) é mais complicado ainda. Mas, desafio inicial concluído, aumenta-se os caminhos das discussões comunitárias e do bem comunitário, muitas vezes aumentando a luta pelos próprios esforços da participação na gestão e manutenção da emissora física e virtual.

Muito ainda se tem a evoluir e a crescer, sendo que a Grande Rede é importante nesse contexto de novas tecnologias, claro sem um puro tecnicismo e busca incessante apenas da tecnologia pela tecnologia.

A Internet pode, inclusive, também ajudar no sentido de não deixar as chamas das idéias comunitárias morrerem, principalmente no período em que as emissoras são fechadas, sendo a Internet um caminho de manutenção dos ideais, principalmente em períodos de forte repressão ao trabalho comunitário.



Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares** – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2007.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **A histórica exclusão do Sertão Nordestino – como as comunidades sertanejas do Piauí têm o menor número de rádios comunitárias legalizadas do Brasil**. Niterói: CD-Rom dos Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008.

CORDEIRO, Paula. **Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio**. Lisboa: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 15 de fevereiro de 2008.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Relação das rádios comunitárias autorizadas do Brasil**. Brasília: Disponível em <www.mc.gov.br>. Acesso em 07 de junho de 2008.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Rádio comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias**. Porto Alegre: Revista Famecos. No 30, agosto de 2006.

PRADO, Cláudio. CAMINATI, Francisco. NOVAES, Thiago. **Sinapse XXI: Novos paradigmas em Comunicação**. In BARBOSA FILHO, André. CASTRO, Cosette. TOME, Takashi (orgs). **Mídias Digitais – Convergência tecnológicas e inclusão social**. São Paulo: Paulinas, 2005.

Rádio FM 100. **Página de Apresentação**. Parnaíba: Disponível em <www.radio100phb.com.br>. Acesso em 10 de junho de 2008.

Rádio FM Atlântica. **Página de Apresentação**. Parnaíba: Disponível em <www.apaephb.com.br/radio_atlantica.htm>. Acesso em 10 de junho de 2008.

Rádio FM Família. **Página de Apresentação**. Piripiri: Disponível em <www.fmfamilia.com.br>. Acesso em 10 de junho de 2008.

Rádio FM Regional. **Página de Apresentação**. Picos: Disponível em <www.regionalfmdepicos.com.br>. Acesso em 10 de junho de 2008.

Rádio FM Verona. **Página de Apresentação**. Teresina: Disponível em <www.fundacaoacd.org/fmverona.asp>. Acesso em 10 de junho de 2008.

Rádio FM Vip. **Página de Apresentação**. Parnaíba: Disponível em <www.radiovipfm.com.br>. Acesso em 10 de junho de 2008.

SABBATINI, Marcelo. **Do Receptor Passivo ao Emissor Ativo**. In MARQUES DE MELO, José. GOBBI, Maria Cristina. SATHLER, Luciano (orgs). **Mídia Cidadã – Utopia Brasileira**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2006.

TEIXEIRA, Elenaldo. **O Local e o Global – Limites e desafios da participação cidadã**. São Paulo: Cortez; Recife: Equip; Salvador: UFBA, 2001.